ANO 10. Sexta-feira, 18 de Maio de 1917 (AVENÇA) Numero 473

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

França Borges

—(*)—

Na homenagem que a 14 de Maio, segundo aniversário da revolução que sacudiu do poder o ditador Pimenta de Castro, os amigos do inolvidavel jornalista republicano levaram a efeito em Sobral de Mont'Agraço, sua terra natal, o *Democrata* fez-se representar pelo secretário da redacção da *Manhã*, sr. Gregorio Fernandes, a quem agradecemos o obsequio.

A inauguração da lapide redundou numa colossal demonstração de força republicana, produzindo-se discursos vibrantes de fé, fecundos de eloquencia.

Surprêsa

Pelo que vêmos no *Diario do Govêrno*, vão retirar de Albergaría-a-Velha os dois chefes politicos do concelho, que bem novos ganharam essas esporas sem muito trabalho. O dr. José Nogueira Lemos foi nomeado conservador do Registo Predial para Castélo de Paiva, terra linda e saudavel; o dr. Jaime Ferreira delegado do Procurador da Republica para Nisa, onde abundam celeberrimos cães, que oxalá lhe não encertem as canelas.

E agora? Que hade ser da politica de Albergaría?

Protesto

—(*)—

Para o govêrno e imprensa republicana de Lisboa foi enviado no dia 12, desta cidade, após a primeira revelação de republicanismo, *espirito de conciliação* e outros atributos que o *Mundo* reconhece no atual governador civil de Aveiro, escolhido para o cargo entre os mais autenticos *adesivos*, o seguinte telegrama:

O Gremio Republicano de Aveiro lamenta profundamente que a politica do novo govêrno seja iniciada neste distrito com desprimores e perseguições para os membros do seu partido, velhos e fervorosos republicanos e socios deste Gremio, que nada quer senão o prestigio do regimen, e sente a desconsideração feita ao dr. Samuel Maia, ex-governador civil substituto, assim como a demissão, sem motivo algum, de Filinto Feio de comissario de policia. Depois do compromisso formal do snr. ministro da instrucão, isto representa o começo duma politica pessoal dissolvente, violenta e impropria da tradição do partido a que sempre démos o melhor da nossa dedicação. Sem ofensa para com o ilustre magistrado superior do distrito, protestâmos contra esta fórma de arredar velhos republicanos dos cargos de confiança da Republica, para servir velhos odios e caprichos pessoais que trazem o descredito para as instituições.—Pela direcção do Gremio Republicano do distrito de Aveiro, o secretário, Alberto Souto.

PELA IMPRENSA

«Cinco de Outubro»

Conta agora seis anos este vigoroso semanário republicano de Vila Nova de Gaia, superiormente redigido pelo ex-padre Camilo de Oliveira.

Saudâmo-lo, desejando-lhe todas as prosperidades para poder continuar trabalhando pela emancipação das consciencias, como até aqui.

«Jornal de Albergaria»

Tambem atingiu o 6.º ano e egualmente o felicitâmos. Com ele temos mantido a melhor camaradagem não obstante as discussões havidas entre nós e com ele havemos de continua-la imperturbavelmente, como bons colégas.

Bilhetes de "gare"

Subiram para 7 cent. as entradas nas estações do caminho de ferro que até aqui custavam 5.

Depois disto, que mais hade encarecer?

PUGILATO

—(*)—

O *homem politico, politico republicano e republicano democratico* que inventou em Aveiro a escandaleira dos *empregos flutuantes*, vivendo regaladamente dela durante uns poucos de mezes, apadrinhado por um governador civil de feição, praticou na segunda-feira a proeza de arremeter com o nosso director, que de pronto ripostou, em categoricos termos, á insolita provocação.

A scena deu-se pelas 22 horas junto da Farmacia Ribeiro, na Rua Direita, e quando Arnaldo Ribeiro se encontrava conversando com os seus amigos Antonio Luz (Valdemouro) e José Casimiro da Silva, director da Escola Normal, que ficaram estupefactos ante o inesperado choque, devido ás circunstancias em que se deu.

Não comentâmos. Cada um procede como quem é e se nos dão licença, apenas diremos que não hade ser pondo em prática vis processos de desafrontas pouco abonatorias do caracter de quem as concebe, que qualquer nos fará arripiar caminho, como de resto se tem visto na nossa já longa carreira jornalistica de que o *Democrata* é a barricada inexpugnavel, resistente, invencivel.

Duma vez para sempre: os principios defendidos pelos evangelisadores das instituições vigentes, teem de perdurar.

E pois que sacrificados sômos desde a primeira hora que nos propuzémos concorrer para o estabelecimento em Portugal dum regimen sem privilegios nem oligarquias, dum regimen que tivésse por base a Demòcracía e por sustentaculo a honra, o caracter, a conduta irrepreensivel dos que a servem, segue-se que não ha ameaças que nos intimidem nem perturbações que possam alterar essa divisa.

Está nisso o nosso valor, está nisso o valor do *Democrata*. Dizemo-lo desvanecidamente como desvanecidamente levamos ao conhecimento dos muitos amigos que o jornal tem a bela disposição de espirito que ficou prevalecendo em nós depois da *tragi-comedia* de segunda-feira ensaiada para pôr em relêvo mais uma *dignidade ófendida*...

Impagaveis os *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, que, após o 5 de Outubro, surgiram de todas as sargêtas. E os de Aveiro com especialidade.

Comem figados de leão...

VALE DO VOUGA

Ainda não teve solução a gréve dos empregados do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, pelo que continua o serviço de comboios paralisado.

Os grévistas acham-se reunidos na Sarnada em sessão permanente.

Ordem completa.

Dr. Samuel Maia

—(*)—

Após a nomeação do delegado do Procurador da Republica nesta comarca para governador civil do distrito, pediu a exoneração do mesmo cargo, que estava exercendo como substituto, o dr. Samuel Tavares Maia.

Velho republicano, espirito elevadamente culto, intelectual de destaque desde os seus primeiros anos de escola, medico distinto, conquistando o seu diploma com o aprumo proprio de quem confia no seu valor, Samuel Maia é, não podia deixar de ser, dos que tambem são postos de parte pela fraudulagem sem vergonha e sem dignidade, que, imiscuindo-se pelo regimen, está a transforma-lo numa verdadeira *Falperra de barrete frigio*, continuação daquela outra *Falperra de manto e corôa* apontada como perigosamente infame por aqueles que então se presavam de ser portuguêses e patriotas.

Samuel Maia, o elegante e suave autor do *Livro d'Alma*, e que tão brilhantemente se tem manifestado na imprensa, nas letras e no teatro, foi sempre em Ilhavo o dirigente da politica republicana, como sempre foi o solicito e devotado soldado da mesma causa, aparecendo atravez dos maiores sacrificios onde era preciso surgir alguem em afirmações insofismaveis de republicanismo e de principios.

Pronto constantemente a dar o concurso da sua bolsa, que esportulou, por vezes, avultadas quantias nas horas de mais urgente necessidade de propaganda, o dr. Samuel Maia pertencia ao numero dos que iam mais longe e assim vimo-lo durante todos esses longos anos de luta e de extenuante esforço, sacrificando não só o seu dinheiro como a propria individualidade que os adversarios abocanhavam quando o viam partir para os congressos ou para onde era exigida a presença de quantos ao seu ideal davam, sem vacilações, trabalho, dedicação, amor, tudo, tudo que é preciso, que é indispensavel ao triunfo das grandes causas.

Tão inteligente como modesto, talvez em demasia, Samuel Maia, após o 5 de Outubro, que só lhe levou á alma o consolador refrigerio da vitoria, manteve-se entre os seus livros e os seus doentes, sem ambições, sem vaidade, no vasto ambito da sua invejavel intelectualidade, firme no seu posto, simples, despretencioso, com a convicção do dever cumprido, mas na disposição, porêm, de novos sacrificios *para purificar, para engrandecer* —disse-nos ele algumas vezes—o que tão duramente havia custado a fazer.

Pois a esse homem intelectualmente superior, a esse antigo e conhecido democrata, acaba de se lhe negar o encargo de dirigir politicamente o distrito como governador civil efectivo, logar a que tinha, e tem, incontestavel direito.

A ingratidão a pulular!

O velho republicano, o dedicado e lealissimo cooperador nessa grande tarefa de porfiada luta em anos consecutivos, que partilhou de todas as contrariedades e de todas as dôres; aquele a quem tantas vezes se acorreu pedindo-lhe o auxilio e o conselho, sempre elevado e superior, foi, pela Republica—como é triste escrevê-lo!—sacudido, afastado dum posto que ele simplesmente honrava com o seu caracter e com o seu valor!

Exuberantemente provado fica que homens destes, de convicções e de bôa fé, só serviram para abrir passagem e dar entrada aos miseraveis, aos transfugas, aos malandrins sem pudor e sem vergonha, á frandulagem imunda que, encharcada, debatida em toda a podridão, em todas as ladroeiras, em todas as desvergonhas, veio para o novo regimen empapada no escremento de todos os monturos, classificando-se alvarmente de *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos!*

São desses que os grandes *rabinos* se cercam e servem. São esses que repelem e afastam os antigos soldados da Democracia, cuja unica ambição foi levar ao maximo a sua dedicação e os seus serviços; são esses que, homens da envergadura de Afonso Costa, cobrem com o seu manto protector nas assembleias partidarias quando os correligionarios lhes indicam o que eles foram, como aconteceu com o venenoso lacrau, que, no congresso de Aveiro, desmascarámos por ter vindo da monarquia a escorrer pus e a sua presença enodoar essa reunião magna de republicanos, acudindo, solicitos, a implorar prudencia, invocando generosidade; são esses a quem se atende, de preferencia, corroborando-lhe os seus planos de peregrinas creaturas e a quem se distribuem pastas de ministro para vergonha, para oprobio das instituições a que mais não é preciso para as diminuir, para as comprometer, para as abandalhar, enfim. Esses e os que neste cortejo desolador e lugubre se encorporaram, apostolando os principios do sapateiro de Braga, esquecidos das horas de trabalho e preocupações, para marcharem no prestito, comendo o seu quinhão, repetindo o que lhe dizem, gritando o que lhe mandam.

A moralidade é perseguição; o prestigio é força; a lealdade é cinismo; a invocação de principios e o cumprimento de disposições dum programa, são palavriados e assim tudo quanto não seja comungar nos seus interesses, no seu engrandecimento pessoal, é obra de indisciplinados, tarefa de difamadores, *a negação dum passado de inteligente combate á monarquia!* Como se combater, repelir, condenar dentro da Republica o que combatemos, repelimos e condenámos ontem ao carcomido regimen dos *adeantamentos*, seja obra que se deteste, seja algum crime!

Não!

Os erros do passado são gemeos dos erros do presente. Ha os até que atingem um grau maior de gravidade. Por isso, combater aqueles e não fulminar estes, seria a afrontosa condenação da nossa propria consciencia, da nossa propria dignidade.

Lê Samuel Maia pela mesma biblia. E porque essa tem sido sempre a sua norma, sobre ele caiu o anátema dos miseros safardanas que, como os bandidos na encruzilhada, conjugam a passagem do viandante com a auxiliadora e proveitosa escuridão da noite. Posto á margem, ele encontra, todavia, companheiros dispostos a stigmatisar essa ingratidão, essa afronta que o não atingiu só a ele, a grandeza do seu caracter, mas afectou exuberantemente a integridade dos seus principios.

O *Democrata* está com ele nesta hora de dura provação. Estrangulam-lhe a voz? Que importa se os deuses passam, cáem, desaparecem, e os homens ficam? E' da historia de todas as épocas e de todos os povos. E ha um adagio que diz que *largos dias teem cem anos*...

Dr. Samuel Maia: esperemos.

Notas mundanas

Seguiu para Lisboa, a fim de acompanhar uma das proximas expedições á França, o nosso conterraneo Julio de Lemos, 2.º sargento da Administração Militar e filho do snr. Antonio de Lemos, proprietario da conceituada barbearia sita ao principio da rua da Corredoura.

Que seja feliz.

✠ *Tem estado gravemente enfermo na sua casa do Corgo Comum, proximidades de Ilhavo, o snr. Antonio Maria Marques Vilar, redactor dos* Sucessos.

✠ *Em Lisboa adoeceu o nosso particular amigo, snr. Beja da Silva, digno director dos orfãos da Misericordia.*

✠ *Estiveram na quarta-feira em Aveiro, dando nos o prazer da sua visita, o velho republicano, sr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva e o snr. Manuel Fernandes da Silva, ambos de Eixo; Manuel Gonçalves de Oliveira, de Verdemilho e Manuel Maria Tavares, de Requeixo.*

RELATORIO

Recebemos o da conceituada companhia de seguros *Atlantica* respeitante ao ano de 1916 e que é hoje uma das primeiras do país pelo alto gráu de prosperidade que acusa.

Agradecemos.

«... O regimen da obediencia é o sistema da negação do caracter. O homem só é homem desde o instante em que, perante o conflicto da consciencia e da autoridade, aprende a ser um rebelde. A obediencia é a fórma forrada de manteiga em que se molda a massa saponacea dos servis, mas em que perde o feitio, porque se quebra ou porque se esborôa, a nobre personalidade humana.»

Ramalho Ortigão

O "Desertas„

Sempre vão começar dentro em brévé os trabalhos para vêr se se põe a nado este enorme vapor, sendo esperados alguns rebocadores de grande potencia que, auxiliados pelo nosso barco de salvação *Patrão Lopes*, devem fazer todas as deligencias para o desencalhar.

Dirigirá essa tentativa o engenheiro inglez que ha dias noticiámos ter chegado a Lisboa.

NOVO NOTARIO

Publicando a folha oficial a exoneração do sr. Eugenio Rodrigues Valente de notario interino de Aveiro, foi nomeado para o substituir o sr. Adelino da Fonseca Leal, irmão do chefe do posto aduaneiro desta cidade, sr. Antonio Felizardo, que exercia as mesmas funções na comarca de Portel.

Folgâmos, porque é mais um soldado a engrossar as hostes democraticas no concelho, visto ter-lhe falhado a adesão do bacharel Joaquim Peixinho depois de transformado em *papoilinha*.

LOGICO

O sr. governador civil investiu ontem nas duplas funções de administrador do concelho e comissario de policia um *inteligente* bacharel *sem clientes* que em Aveiro se instalou com a mira de arranjar emprego e que, como ele, pertence ao grupo dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* que aí se vem afirmando desde os saudosos tempos do Marrecas...

E' logico. Por falta de *adesivos* não deixa a Republica de pegar... cá na terra...

PROCESSOS

Do ultimo numero do brilhante semanario da Guarda *O Combate*:

A ninguem mais do que a nós tem custado vêr nos ministérios da Republica homens monarquicos, que por o terem sido e só terem deixado de o ser na aparencia, dizendo-se, como tantos escrevinhadores de jornaes, republicanos, conservam as ideias e sentimentos que possuiam e assim os mesmos processos de politica e de govêrno.

Isto vimos dizendo constantemente, com mais ou menos veemencia, e ainda ha pouco sofremos o prejuizo duma edição completa do *Combate* ficar inutilisada, porque a censura entendeu de nos censurar e bem individamente, um artigo que a um desses ministros, o ex-ministro da justiça dr. Mesquita de Carvalho, dizia respeito.

Para se vêr a razão da razão que nos assiste e do que nos custa o erro cometido, contra o qual o nosso distinto camarada da *Manhã* sr. Mayer Garção tem escrito, ultimamente, uma serie de artigos brilhantissimos—como aliás é tudo que sáe da sua pena de jornalista —aí está agora mais esse caso escandaloso dos automoveis ministeriaes, a que se referiu a *Capital* e a que a imprensa monarquica dá todo o volume de escandalo.

Vão lá agora dizer a essa imprensa que o escandalo resulta dos processos monarquicos por monarquicos na Republica seguidos, continuados, os mesmos que *cravavam unhas aduncas nas arcas do tesouro!*

Para poder-se dizer, era preciso que republicanos não convidassem esses monarquicos, acamaradando com eles numa transigencia lamentavel.

Apoiadissimo, apoiadissimo, colega. Os monarquicos são tudo. Pois esperem-lhe pela pancada que não hade tardar muito...

No lo crêmos

Corria ontem com toda a insistencia que um dos membros da comissão de censura em Aveiro se havia demitido do cargo em virtude da situação de suspeita, creada pelo conflito havido com o nosso director, a que noutra pagina fazemos referencia.

Pela nossa parte não acreditâmos: 1.º pela manifesta repugnancia que por tais expontaneas atitudes o cavalheiro ha demonstrado; 2.º porque, assim, nesta constante série de exonerações, teria de ficar só com o emprego de amanuense do govêrno civil, cujo despacho, tambem por urgencia, dizem-nos, apareceu sem o visto do Conselho Superior do Ministério das Finanças.

UM CRIME

Na segunda-feira pela manhã apareceu, boiando, no canal que atravessa a cidade, o cadaver de uma creança recem-nascida embrulhada nuns trapos, o que fez atrair ao local bastante gente.

A policia encetou as suas diligencias no sentido de descobrir a desnaturada mãe, autora do nefando crime.

A obra de um padre

—(*)—

A Voz da Oficina, no seu numero de 12 do corrente mez, publica, em fundo, este artigo, que pedimos licença para transcrever:

Propositadamente, no nosso ultimo numero, démos uma lacónica noticia, referente á tragedia ocorrida naquele *modelar* estabelecimento de instrução, (a Escola Normal) que, ali em baixo, na Ribeira, serve para a preparação dos educadores da mocidade portuguêsa.

E' que o caso era por tal fórma gráve que nós tivemos receio de emitir a nossa opinião e formular o nosso protesto, antes que quem de direito o fizesse.

Agora, porêm, que tudo está esclarecido, é ocasião de, largamente, tratarmos os ultimos acontecimentos, quando mais não seja para provarmos que nenhuma especie de interesses materiais ou morais nos obriga ao silencio, quando, como agora, a obra criminosa de um padre está em fóco.

Sempre fômos de opinião, e bem assim o velho Partido Republicano, que os srs. clerigos deviam ser arredados do ensino, mórmente daqueles estabelecimentos, como as Escolas Normais, onde se forjam os agentes encarregados de manter e fazer progredir o actual edificio da Civilisação.

Mas os govêrnos da Republica, salvo raras excepções, teem procedido de tal fórma que parecem apostados em desmentir todo o seu passado de propagandistas da Democracia e Liberdade.

Daí, o encontrarem-se todos os estabelecimentos de ensino ensombrados pelas batinas clericais, e, mercê disto, a reacção jesuitica, que poderia supôr-se aniquilada, pouco depois da implantação do novo regimen, já correr célere a dominar por todo o país. Mas, deixemos estas divagações e entremos propriamente no assunto que nos propozemos versar.

* *

Demonstraremos com a declaração presente, pelos alunos da Escola Normal, ao seu director interino snr. João Marques, que o snr. padre Castilho, jesuita de véstes, educação e processos, pela fórma descomposta e desleal como tratou o seu aluno e infeliz Gomes, foi o causador e responsavel do seu suicidio. Essa era, de resto, a nossa convicção e da cidade de Vizeu, que, de ha muito, reconhece como elemento prejudicial aos seus creditos a permanencia aqui dum hipocrita de batina e traiçoeiro inimigo das instituições.

Já, o ano passado, a quando da expulsão duns normalistas, motivada por conflitos com o irritante snr. Castilho, se deveria ter chamado a atenção do ministerio da Instrução para a situação vergonhosa e deprimente em que Vizeu se encontrava, dando coito a um mestre que vinha sendo corrido de todas as terras aonde vivera. Agora, essa atitude impõe-se-nos ainda, por manifestação de solidariedade aos estudantes da Normal e aos briosos academicos do liceu Alves Martins, que, na conjuntura, se teem comportado como verdadeiras pessoas de bem, protestando, com todos a violencia e atravez de todos os sacrificios, contra a acção criminosa do reaccionario padre Castilho. E' preciso que o gelatinoso masmarro seja expulso de Vizeu, a bem ou a mal, por uma transferencia ordenada do M. da Instrução ou por qualquer outro processo. Mais que isso: deverá, quanto antes, ordenar-se uma sindicancia ao mestrado da Nor-

mal, para que a injustiça e infamia ali não continuem a praticar-se impunemente. Ou isto se faz ou, àmanhã, num gesto de desvario, alguem terá de regar a petroleo aquela verdadeira roça do ensino. Entenda-se que, agora como sempre, nós manifestamos a nossa maxima consideração e estima por alguns dos professores da Normal. Os maus é que não pódem, porêm, continuar a gosar das homenagens que se devem ás honestas creaturas que, atravez de tudo, procuram cumprir o seu dever. Nestas condições, nem sequer apontamos os nomes a exceptuar, nesta queixa, pois ninguem que nos lê e conhece a Normal poderá ter confusões. Já o dizia Mariano de Carvalho que, quando se chegava a estes cumulos, era precisa a vassoura salutar, a fim de varrer o entulho.

O sr. padre Castilho tem que se correr da Normal, onde só trata de corromper os espiritos moços. A sua audacia foi já tão longe que se permitiu entregar, dentro das aulas, a uma claque de beatas alunas que o amimam, umas moedas de $50, a fim de estas mandarem dizer missas, sufragando a alma da sua vitima. E não sabe o padre que o ensino é neutro, segundo a Constituição Politica da Republica e as proprias leis especiais, dimanadas do Poder Executivo?! Sabe; mas é que, assim procedendo, sabe também dar uma ferroada nas instituições e nos seus diplomas legislativos mais liberais, que ele ferozmente odeia, desde os velhos tempos em que, segundo nos informam, ao lado do H. Cristo, colaborava na obra imunda de emporcalhar todos os republicanos de valor deste país.

Mas, isto vai-se alongando demasiadamente e, para terminarmos, faremos seguidamente a publicação da declaração ou moção de protesto, a que atraz nos referimos:

Ex.mo Senhor

Os alunos da Escola que V. Ex.ª mui digna e superiormente dirige, veem muito respeitosamente comunicar a V. Ex.ª a sua atitude em face do lamentavel incidente provocado pelo suicidio do seu desventurado colega João Rodrigues Gomes, ocorrido no dia 1 do corrente.

Essa atitude firma-se e consta da seguinte moção, que foi unanimemente aprovada por todos os alunos do sexo masculino, coadjuvados pelas dignas alunas que o desejaram e os puderam acompanhar na sua atitude, assinando-a, pois que algumas, induzidas pelo snr. padre José Marques de Castilho, como se póde provar, discordam desta mesma atitude, e outras, embora desejassem ardentemente acompanhar-nos, não o pódem fazer, porque lhes é interdito pelos paes ou encarregados da educação, como igualmente se prova, os quais desconhecem a justiça da nossa reclamação.

Considerando que a causa unica da resolução do infeliz Gomes foram as palavras deveras ofensivas que na manhã do mesmo dia e na aula de Historia, lhe dirigiu o professor da respetiva cadeira, snr. padre José Marques de Castilho, como claramente se depreende da carta dirigida pelo falecido aos Ex.mos Professores desta Escola — na presente data em poder das autoridades — e como se prova pelo testemunho dos alunos que assistiram á aula referida;

Considerando que o mesmo sr. professor, talvez no seu zelo profissional, ofende por vezes a dignidade dos alunos e o pudôr das alunas desta Escola e, por consequencia, a moralidade, como se prova pelo nosso testemunho;

Considerando que ao mesmo sr. professor é atribuida a prática de acções improprias do logar que ocupa e da missão que desempenha, de fórma a merecer da nossa parte a presunção de possuir qualidades incompativeis com a moral;

Considerando que as qualidades morais são bem mais para considerar que as suas belas qualidades profissionais, que, com justiça, todos lhe reconhecemos;

Considerando o perigo dessas mesmas qualidades morais se transmitirem aos alunos que S. Ex.ª ensina, como infelizmente se está já notando;

Considerando que os mais gráves conflitos ocorridos nesta Escola nos anos anteriores, e principalmente em Março de 1916, tiveram como causa o procedimento do mesmo snr. padre José Marques de Castilho, como o comprovam os actuais alunos e vários dos ex-alunos desta Escola;

Considerando que o mesmo sr. professor deve a sua transferencia para esta Escola menos á sua vontade do que á vontade das instancias superiores, que se viram obrigadas a transferi-lo por se tornar incompativel com os alunos de outras Escolas do país; e

Considerando sobretudo que pelos factos apontados a sua presença se torna odiosa para a grande maioria dos alunos desta Escola, e que, emquanto permanecer este estado de coisas se continuarão a repetir os conflitos provocados pela nossa incompatibilidade com o mesmo snr. padre José Marques de Castilho.

Os alunos da Escola de Ensino Normal de Vizeu veem muito respeitosamente comunicar a V. Ex.ª que resolveram não mais assistir ás aulas do mesmo sr. professor, esperando de V. Ex.ª, do seu caracter recto e imparcial, dê as providencias que de justiça julgar convenientes para a boa solução deste conflito, que todos deplorâmos.

Esperando receber justiça, subscrevemo-nos respeitosamente

De V. Ex.ª
atentos, ven.ᵉˢ e obrg.ᵒˢ

Saúde e Fraternidade.

Vizeu, 5 de Maio de 1917.

Ao Ex.mo Sr. Director da Escola de Ensino Normal de Vizeu.

(Seguem 44 assinaturas)

Trata-se, como se vê, do ex-director da Escola Normal de Aveiro, que a esse tempo cognominavam de *Escola do Beijo*, tambem por proêsas aí cometidas, e que ainda não chegaram a ter fim apezar das duras lições inflingidas em todas as terras onde tem pousado.

O eterno padre Marques!...

Dr. Estevam de Vasconcélos

Vitimado por uma congestão pulmonar deixou de existir em Lisboa ao fim da tarde do dia 15 este preclarissimo cidadão que á Republica prestou assinalados serviços como um dos seus mais antigos partidarios.

Era formado em medicina, contava 48 anos incompletos e lembra-nos bem que foi um dos mais ardorosos academicos republicanos da capital por ocasião do *ultimatum* inglez. Com Higino de Souza, Crispiniano da Fonseca e outros fundou o jornal revolucionario *A Patria*, de que ali temos a colecção a atestar o patriotismo da academia desde tempo. Mais tarde transitou para a *Vanguarda* e, continuando sempre a estudar, concluiu o curso em 1894. Na vida pratica destacou-se pelos trabalhos apresentados em nome da Liga Nacional Contra a Tuberculose aos congressos de Lisboa, Porto e Coimbra, os quais mereceram rasgados elogios das sumidades medicas que a eles assistiram.

Foi candidato a deputado por Lisboa nas eleições de 1900 e 1901, fez parte do Directorio Republicano em 1902 e saindo eleito deputado em 1908 pelo circulo de Setubal, teve ensejo de apresentar ás câmaras um projecto de lei, que foi aprovado, sobre acidentes no trabalho visto a tendencia que sempre teve para a defêsa dos interesses do operariado.

Atualmente era *leader* do partido democratico no Senado, sendo a sua morte, não só por isso, mas tambem porque o finado pertencia á velha guarda dos que se bat-ram corajosamente, arrostando todos os perigos, pelo advento das novas instituições, muito sentida.

No funeral, que constituiu, em grandeosidade, um eloquente testemunho de quanto Estevam de Vasconcélos era querido no seio da Democracia Portuguêsa, fez-se representar o venerando Presidente da Republica.

* * *

Ao cabo de bastantes semanas de sofrimento finou-se no dia 11 do corrente, na séde da freguezia de Aradas, o conhecido lavrador sr. Manuel Ferreira Borralho que ali gosava de gerais simpatías devido ás excelentes qualidades de que era possuidor como homem e chefe de familia exemplar.

Acompanhava ultimamente os republicanos da localidade em todos os actos politicos para que solicitavam o seu concurso, constituindo o enterro do pranteado morto, feito civilmente, um publico testemunho de quanto era estimado.

Atraz da carreta que conduziu os restos mortaes de Manuel Borralho do cemiterio do Outeirinho, e em cujo cortejo nos encorporámos tambem, viam-se muitos dos seus mais intimos amigos, dentre os quais formaram quatro turnos, os seguintes:

1.º

Professor Rocha Martins, Sebastião Leite, Bernardo Cunha e Antonio Sarrico.

2.º

Antonio Nunes da Ana, Manuel Leques, Manuel Germano Simões Ratola e José Simões Maio.

3.º

Manuel de Oliveira, André Simões Maio, Manuel Soares Manco e Manuel Marques da Silva.

4.º

José Maria Cabeço, 1.º sargento Casimiro Marques, João Simões Maio e Manuel Borralho.

A chave do feretro conduzia-a o acreditado negociante da nossa praça, sr. Alberto Rosa, e as duas corôas da familia eram levadas uma pelo sr. José Nunes da Ana e a outra pelo nosso director, que aqui reitera á viuva e aos filhos do pranteado aradense, as condolencias do *Democrata*.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Moura*.

O SENTIMENTO ALEMÃO

Corroborando o que sob esta epigrafe escrevemos no numero passado, dâmos parte duma interessante crónica em que se relata:

. . . .

Karl Rosner, correspondente do jornal alemão *Lokal Anzeiger*, na linha ocidental, o mesmo que enviou ao seu jornal relatorios tão mirabolantes sobre as desvastações alemãs, em territorios francezes, publicou no seu jornal a primeira narrativa detalhada do uso que os alemães fazem dos seus mortos.

O correspondente escreve na descrição do campo de batalha ao norte de Reims o seguinte;

Atravessámos Everguicourt. Um cheiro incomodativo, como se se queimasse cal, invade a atmosféra. Passamos junto de *Kadaverwertungsanstalt*, isto é, o estabelacimento para utilisação dos cadaveres deste grupo de exercitos. A materia gorda que deles se retira é convertida em lubrificante e todo o resto reduzido a pó, num moinho, misturando-se depois no alimento que se dá aos suinos em engorda.

Rosner dá esta informação sem comentarios, fazendo simplesmente notar que nada se deve perder. Esta declaração não faz senão corroborar a descrição sensacional desta nova e abominavel industria, creada pela *kultur* alemã, e da qual a *Independence Belge* fez no dia 10 uma descrição que tirou do jornal *La Belgique*, publicado em Leyde, Holanda.

A *Independence Belge* recorda que em fevereiro, um dos consules americanos, ao sair da Alemanha, declarou que os alemães extratam dos cadaveres dos concidadãos a glicerina necessaria para a fabricação da nitro-glicerina e que era assim que obtinham parte dos seus explosivos.

Como amostra de novas tiranias de verdadeiros barbarismos, transcrevemos tambem o que descreveu uma testemunha digna de todo o crédito:

. . . .

Falando no Club Canadiano de New-York, o sr. Gerard, ex-ministro dos Estados-Unidos em Berlim, referiu-se, pela primeira vez depois do seu regresso a este país, a alguns factos por ele colhidos, como embaixador em Berlim, com relação ao tratamento dispensado aos prisioneiros britanicos. Disse:

A vós, canadianos, desejo comunicar o que vi sofrer aos vossos compatriotas nos campos de prisioneiros de guerra na Alemanha.

E'-nos impossivel imaginar qual o horror de viver dois anos e meio num campo de prisioneiros alemão. Eu aprecio, porque vi.

Li um dia na *Norddeutshe Gazette* que um certo numero dos habitantes de uma cidade ao norte da Alemanha tinha sido condenado a prisão, por sua conduta anti-patriotica, em vista dos prisioneiros de guerra. Dei instruções ao consul americano daquela cidade para me apresentar um oficio sobre o assunto. Informou-me ele que, estando de passagem nessa cidade um comboio de prisioneiros de guerra canadianos e tendo alguns dos prisioneiros feito compreender aos habitantes que rodeavam o comboio que estavam famintos e cheios de sêde, os cidadãos dêram-lhes de comer e de beber. Eis o crime pelo qual foram condenados.

Noutra ocasião desenvolveu-se a febre tifoide num campo onde os russos estavam internados. Pretextando que todos os aliados se deviam unir, os alemães mandaram os prisioneiros inglezes e francezes para o campo onde estavam os russos atacados de tifo, condenando assim muitos deles a uma morte certa.

Visitei outro campo onde tinham ensinado a uns cães a morder nos inglezes: quando os guardas andavam no campo, levaram os cães, e era raro os animaes deixarem de ferrar os seus dentes nalgum soldado britanico. Fiz a minha queixa sobre o assunto, mas nada consegui, até que um dia disse ao comandante que, tendo eu muito boa pontaria, fazia tenção de atirar sobre esses cães ensinados, para vêr qual seria o resultado.

Isto não falando nos efeitos horrorosos dos gazes asfixiantes, das materias inflamaveis e de todos os meios de barbara destruição empregados por esses vandalos desde a inoculação forçada do microbio tuberculoso, em populações indefesas, do envenenamento das aguas, dos bombons arsenicados, de tudo enfim tendente á distruição da humanidade.

Os festejos

Atrairam bastante gente a Aveiro, vinda de diferentes arrabaldes da cidade, os promovidos pelo *Club dos Galitos* em beneficio dos soldados de infanteria 24 que regressem mutilados dos campos de batalha de França.

Como noticiámos, faziam parte do programa uma exposição de plantas, flôres e caricaturas, a procissão de Santa Joana Princeza e um *serão de arte* no Teatro Aveirense com o concurso do Orfeon de Condeixa.

A primeira parte foi incontestavelmente a unica aproveitavel se bem que algumas pessoas, que assistiram á função religiosa no Mosteiro de Jesus, nos afiancem ter sido o discurso do sr. dr. Martins de Almeida, com banca de advogado no Porto, proferido, do alto da tribuna sagrada, um verdadeiro hino patriotico adequado ao momento historico que atravessamos e que o reverendo aproveitou para têma da sua eloquente oração, considerada das mais brilhantes que naquele pequeno recinto se tem ouvido.

Mas, diziamos nós: a primeira parte foi incontestavelmente a unica aproveitavel, tendo agora de acrescentar—no que toca a profano.

Com efeito, a exposição no Muzeu, inteiramente inedita para Aveiro, despertou interesse não havendo talvez, das centenas de pessoas que a visitaram, uma unica que não sentisse uma agradavel sensação de prazer no meio daquele jardim todo florido, enebriante de arôma, engrinaldado de belêsa.

Alfredo Moreira da Silva & Filho, horticultores do Porto e a Companhia Horticola, da mesma cidade, desempenharam nesse certamen um importante papel, cabendo-lhes, sem duvida, um grande quinhão das referencias elogiosas que ainda hoje se ouvem aos que entraram na vasta sala do Museu, artisticamente transformada, durante dois dias, em campo de floricultura atraente, encantador, admiravel. Mas de não menos louvores são dignos outros expositores, no numero dos quais destacaremos Firmino Huet, Ricardo Campos, Antonio Rocha e Cunha Pereira, de Aveiro, assim como a sr.ª D. Maria de Cabedo Lencastre, da Casa da Ponte, e o proprietario do jardim Alta Vila, ambos de Agueda, que apresentaram colecções de rosas que sobre serem dum finissimo cheiro, se destacavam tambem pela sua variedade e formosura nada inferiores ás expostas pelas duas casas portuenses.

Na mesma sala, e dispostas de fórma a sobresaír no meio do grande conjunto de flôres, as caricaturas de Cunha Barros, um novo cheio de talento, que ocupavam dois enormes quadros. Por deante desses desenhos, a maior parte dos

quais felicissimos, passou egualmente, admirando-os, um consideravel numero de pessoas a quem não é indiferente a arte e que teve para o moço estudante palavras afectivas de muito apreço pelos seus interessantissimos trabalhos.

Sobre a procissão diremos que percorreu o itenerario marcado com a costumada ordem e decencia. O resto, isto é, o *serão* do teatro, deixâmo-lo á apreciação dos criticos da *bôa imprensa* da terra, que decerto devem escrever melhor do que nós, tal o habito em que estâmos de dizer mal de tudo...

Desconhecêmos, por enquanto, qual tenha sido o resultado da obra meritoria dos *Galitos*, que todavia ascende, diz-se, a algumas centenas de escudos.

Bem hajam.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 15

As vinhas, os trigos, centeios e batataes apresentam-se prometedores.

= Ontem, para comemorar o 14 de Maio, esteve içada no edificio escolar a bandeira nacional.

C.

ANUNCIOS